SERMAM
DE S. IOAM BAPTISTA
NA PROFISSAM
DA SENHORA
MADRE SOROR MARIA DA CRVZ,
Filha do Excellentissimo
DVQVE DE MEDINA SYDONIA,
SOBRINHA DA RAYNHA N. SENHORA
Religiosa de S. Francisco
No Mosteiro de Nossa Senhora da Quietaçaõ, das Framengas
Em Alcantara.

Esteve o SANTISSIMO SACRAMENTO exposto.

Assistirão suas Magestades, & Altezas.

Prégouo o P. ANTONIO VIEIRA da Companhia de JESV, Prégador de Sua Magestade.

EM EVORA

Na Officina desta Universidade. Anno 1659.

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium; & audierunt vicini, & cognati ejus quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei. Et venerunt circuncidere puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et respondens mater ejus dixit: Nequaquam sed vocabitur Ioannes
Luc. cap. I.

SENHOR.

No dia em que nace a Voz de Deos, justamente emudecem as vozes dos homẽs. Admiraçoens emudecidas saõ a retorica deste dia: *mirati sunt universi*; pasmos, & assombros sam as eloquencias desta acçaõ: *Factus est timor super omnes vicinos eorum.* He dia hoje de fallarem os coraçoẽs, & de calarem as lingoas: por isso a lingoa de Zacharias emudeceu, por isso os coraçoens dos Montanhezes fallavão: *Posuerunt in corde suo dicentes.* E se em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar, & os discursos mais discretos sam os que se remetem ao silencio; que serâ hoje no concurso de tantas obrigaçoens, em que as cousas do temor, & os motivos da admiraçam se vem taõ crecidos? Se toda a rezam dos assombros no nacimento do Baptista era verem que dava Deos a huma alma a mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo.* Quanto mais deve assombrar hoje nossa admiraçam ver que dá Deos a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cum illa?* Bem sei que disse Origines, que dar Deos a mão ao Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; mas desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço! Maravilha grande! He caso este em q̃ acho contra mim todas as escrituras.

Se lermos o Profeta Oseas acharemos, que querendo Deos

despofarse com huma alma, disse, que a levaria primeiro a hum deserto: *Ducam eam in solitudinẽ, & loquar ad cor ejus*. Osee. 2. Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando Deos a Hierusalem o tempo, que com ella se desposara, advertio que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuæ quando sequuta es me in deserto*, Jerem. 2. Se lermos os Cantares de Salamam acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deos, num deserto se tratarão, noutro deserto se conseguirão: *Quæ est ista quæ ascendit per desertum*: dis no cap. 3. *Quæ est ista quæ ascendit de deserto innixa super dilectum suum*: dis no cap. 8. Mas pera que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que està presente nos pode escusar a prova? O mysterio em que Deos mais propiamente se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Euchariſtia. Porque nelle (como gravemente notou Sãto Agostinho) por meio da vnião do corpo de Christo se verifica entre Deos, & homem: *Erunt duo in carne vna*, Genes. 2. E se buscarmos os lugares em que Deos figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, que os principaes, assim no velho como no novo testamento, forão desertos. A principal figura do Sacramento no testamento velho foy o Manâ, durou quarenta annos, & todos forão de deserto: *Patres nostri manducaverunt Manâ in deserto*, Joan. 6 A principal figura do Sacramento no testamento novo, foy o milagre dos sinco paẽs, & o milagre dos sete, & ambos socederão no deserto: *Desertus locus est, & non habet quod manducent. Vnde eos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Marc. 6. 8. Pois qual he a rezam (pera q̃ mais fundamẽte nos admiremos) qual he a rezão porq̃ se desposa Deos nos desertos sempre? Não he o Monarqua vniversal do mundo, nam he o Principe eterno da gloria? Pois jà que ha de desposarse desigualmente na terra, porque nam busca esposa com menos desigualdade nas Cortes, & nos paços dos Reys, senam nos desertos, & nas soledades?

A rezam he, porque esposa com as qualidades de que Deos se agrada, nam se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramen-

cramento nos fundou a duvida; S. Ioam nos fundarâ a reposta. Fes Christo hũ Panegirico do Baptista (que de tam grande sogeito sô Deos pode ser bastante orador) as palavras forão poucas, a sustancia muita, & começou o Senhor assim: *Quid existis in desertum videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiũtur in domibus regum sunt*, Luc. 7. Sabeis quẽ he Ioão, esse a quem todos sahis a ver (dis Christo.) He hũ homem que vive no deserto: nam he dos homẽs que vivẽ no Paço. Notavel dizer! Pois Senhor, este he o thema que vós tomais pera prégar do Baptista? Quando quereis concluir, que he o maior dos nacidos, fundais o Sermam em que vive no deserto, & nam vive no Paço? Si. Toda a perfeiçam resumida consiste, como dizem os Theologos: *In prosequutione, & fuga*, em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir o vicio. Por isso os preceitos ecclesiasticos, & divinos, hũs saõ possitivos, outros negativos; os possitivos que nos mandão seguir o bem, os negativos que nos mãdão fugir o mal. Pois pera Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeiçam do Baptista; que fes? Disse que era hum homẽ, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E pera dizer que fugia de todo o mal, disse, que não vivia no Paço. Explicoulhe Christo a vida pelo lugar, & pera dizer quem era, disse onde morava. Ainda nam digo bem. Pera dizer quem era disse onde morava, & onde nam morava. Pera dizer que era homẽ do Ceo, disse que morava no deserto: pera dizer que nam era homẽ da terra, disse que nam morava no Paço. E que estando os Paços dos Reys da terra tam mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que sô se desposava nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! maravilha grande.

Mas qual serâ a rezam desta maravilha? Qual serâ a rezam, porque Deos, que sô se desposava nos desertos, hoje se desposa no Paço? A rezam he; porque o Paço das Rainhas de Portugal he Paço com propriedades de deserto. Deos commummente desposase no deserto, porque não acha no deserto as condiçoẽs do Paço: hoje desposase no Paço, porque achou no Paço as condiçoẽs

diçoẽs do deſerto. Quando a Iob no meïo de ſeus trabalhos lhe parecia melhor a morte, que a vida, entre as queixas que fazia della, diſſe deſta maneira: *Et nunc requieſcerem cum Regibus, & Conſulibus, qui ædificant ſibi ſolitudines*, Iob.3. Se eu fora morto eſtivera agora deſcançado entre os outros Reys, & Principes, que edificão deſertos. Notavel modo de fallar! *Cum Regibus, qui ædificant ſolitudines:* Reys que edificão deſertos! Se diſſera Reys que edificam palacios; bem eſtava: mas Reys que edificam deſertos! Os deſertos edificamſe? Antes desfazendo edificios, he que ſe fazem deſertos. Pois q̃ Reys ſam eſtes, que trocão os termos à Architectura, que Reys ſam eſtes, que edificão deſertos? Sam aquelles Reys (dis S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira ſe contemporiza com a vaïdade da terra, que ſe trata principalmente da verdade do Ceo; & Paços onde ſe ſerve a Deos como nos hermos, nam ſam Paços, ſam deſertos: *Qui ædificant ſibi ſolitudines*. Bem dito, que edificão; porq̃ ha duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificaçam. O edificio fas dos deſertos Palacios, a edificaçam fas dos palacios deſertos Hũ paço onde ſe ſerve a Deos he hũ deſerto edificado. Paço onde ſô Deos ſe ſerve, & o mundo ſó ſe contemporiza: onde a clauſura compete com a das Religioẽs: onde as galas ſam diſſimulaçam do cilicio: onde a licença do galanteo, a liberdade dos ſaraos, & outras mal entendidas grandezas ſam exercicios de eſpiritu: onde ſaír do Paço pera o noviciado mais he mudar de caſa que de vida; Eſte hermo cortezam nam lhe chamem Paço, chamélhe deſerto: *Qui ædificant ſibi ſolitudines*. Là diſſe Socrates do Emperador Theodoſio ſegundo, que fora tam religioſo Principe, & tam reformador da caſa Real, que convertera o Paço em Moſteiro: *Palatium ſic diſpoſuit, vt haud alienum eſſet à Monaſterio*. Eſta conto eu entre as grandes felicidades do noſſo Principe, que Deos guarde, & a tenho ainda por maïor, que a do outro Theodoſio. O outro Theodoſio fellà, o noſſo achoúa: o outro crioù eſta reformação, o noſſo criaſe nelle. O que grandes fundamentos pera tam grãdes

des esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que muito, que Deos costumado a se desposar nos desertos o vejamos hoje desposado no Paço? Cessem pois as admiraçoens com as dos Montanheses, rompase o silencio com o de Zacharias, & comecemos a fallar nesta acçam pois nos dà licença o pasmo: *Et apertum est illicò os ejus.*

Verdadeiramente que me vì embaraçado no concurso das obrigaçoẽs de hoje, porque sam todas taõ grãdes, que cada hũa pedia o Sermam todo. Pera nam errar aconselheime com o mesmo Sam Ioam Baptista, & seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Ioan. 3. Eu sou amigo de Christo (dis Sam Ioam) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa serâ de Sam Ioam, o dia serâ da Esposa, & o Evangelho se accõmodarâ tanto a hũ, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

Elisabet impletum est tempus pariendi, & peperit filium. Isabel depois de comprido o tempo dos nove mezes foy mãy de hum filho. Aquella palavra *impletum est tempus*, depois de comprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Nam estava claro que S. Ioam avia de nacer como os outros homẽs, passado o tempo que a natureza limitou pera o nacimẽto? Pois porque dis hũa cousa superflua o Evangelista, que naceo S. Ioam depois de comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus?* O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, q̃ nam foy superflua esta advertencia senam muito necessaria; suposto que em S. Ioam se anteciparão tãto as leys da natureza, que aos seis mezes de concebido jà tinha vzo de rezam. E quem anticipou o vzo de rezam tantos annos, podiase cuidar que tambem anticiparia o nacimento alguns mezes. Pois pera que se soubesse, q̃ nam foy assim, diga o Evangelista, que naceo S. Ioam depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus.* Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quanto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que Sam

Ioam

Ioam naceo comprido o tempo, porque nam anticipou o nacimẽto; bem dito està: mas porque o nam anticipou? Porque nam anticipou o tempo do nacimento, assim como anticipou o tempo do vzo de rezam? O vzo de rezam, segundo as leys da natureza, avia de ser aos sete annos do nacimento, o nacimento aos nove mezes da conceiçam. Pois se anticipou o vzo da rezam tãtos annos, porque nam anticipou o nacimento algũs mezes? Porque o nacimento pertence á vida da natureza, o vzo de rezam pertence á vida da graça; & nas materias temporaes o que custuma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espirituaes o que custuma fazer o tempo, melhor he que o faça a rezam. Pera nacer ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o tempo: pera nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a rezam. Caminhava Christo de Bethania pera Hierusalem, vio no campo hũa figueira muito copada, chegou, & como nam achasse mais que folhas, amaldiçoou a. E nota o Evangelista S. Marcos (cousa muito digna de se notar) que não era tempo daquella arvore ter fruto: *Non erat tempus ficorum*, Marc. 11. Pois valhame Deos: pasmão aqui todos os Doutores. Se nam era tempo de fruto, pera que o foy Christo buscar? E se o nam achou, quando o nam avia, porque castigou a arvore? Se a castigou, tinha ella obrigaçam de ter fruto. E se nam era tempo, como tinha este obrigaçam? Tinha esta obrigaçam (dis S. Chrysostomo) porque ainda que por ser Primavera nam devia frutos ao tempo, por Deos se querer servir della deviaos á rezam. E as dividas da rezam nam ham de esperar pelos vagares do tempo. Pera dar fruto ao mundo faça o tempo o que ha de fazer o tempo: *Elisabet impletum est tempus*; mas pera dar frutos a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a rezam: *Exultavit infans in vtero*. Esta he huma das excellencias, que eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em que fes a rezam, o que fas nos outros o tempo. Esperarem os annos pela rezam isso acontece a todos, mas adiantarse a rezam aos annos, fizera a rezam o que avia de fazer o tempo; isto sô se acha no Baptista: se

bem

bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamẽte equivocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que avia de amadurecer o tempo, sazonados na rezam! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra tempus putationis adventi?* Cant. 2. Assim obedecem os tẽpos, onde assim domina a rezam. Que jà o mundo, & a vida nam saibão enganar? Que vejamos tantos desenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fes a rezam o que avia de faser o tempo. Seguiremse aos annos os desenganos, he faser o tẽpo o que fas o tempo: mas anciparemse os desenganos aos annos, he faser a rezam o que o tempo avia de faser. Queixavase Marco Tulio, que sendo os homẽs racionaes, pudesse mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da rezam. Mas hoje vemos o discurso da rezam mais poderoso que o discurso do tempo. Que nam bastassem noventa annos pera dar sizo a Helí, 1. Reg. 3. & que bastem dezoito annos pera faser sezudo a Samuel? O que grande victoria da rezam, contra a semrezam do tempo! Huma velhice enganada, he a maior semrezaõ do tempo: Hũa mocidade desenganada he a maior victoria da rezam. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos; 2. Reg. 14. & que os cabellos de Absalam na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pês de Christo com os cabellos, Luc. 7. mas que os nam corte; & que haja outra Maria que ponha aos pês de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Jacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel; Gen 48. he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grãde valor da rezam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os vltimos annos, fas Christam o temor da morte: quem lhe cõsagra os primeiros, fas Religioso o amor da vida.

As batalhas da rezam com os annos he hũa guerra em que resistem mais os poucos, que os muitos. Deixaremse vencer da rezam os muitos annos,nam he muito: mas deixaremse vencer, & convencer os poucos,grande poder da rezam! E mais se considerarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos, & nas montanhas(como erão os do Baptista Luc.1.)nam he tãto, que se nam defendão á força da rezaõ:mas poucos annos,& em palacio,convencidos,& desenganados!Gram victoria. Offereceo elRey David a Bercellai hum grande lugar no Paço; & elle que era jà de oitenta annos,que respõderia? *Octogenarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine*: 2. Reg.19. Respondeo que assaz tinha aprendido em tantos annos a desenganarse das Cortes;que o deixasse o Rey viver retirado comsigo,& tratar da sepultura; porem que aceitava o lugar pera hum seu filho que tinha de pouca idade: *Est servus tuus Chamaam*, *ipse vadat tecum*. Parece que se implica nesta acçam o amor de pay,mas explicase bem o engano do mundo. Desenganarão a Bercellai os muitos annos proprios pera nam querer o Paço pera sy,& enganarãoo os poucos annos alheos pera querer o Paço pera o filho. Nam sey que tem o Paço, & os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, nam se atrevẽ ao deixar os poucos. Teve conhecimento pera o deixar hum velho, nam teve animo pera o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho,que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas nam se atreveo a dar o conselho. Antes parece que se sustituïo a pay nos annos do filho,pera lograr na mocidade alhea,o que na propria velhice nam podia. E q̃ nam avendo valor na velhice pera deixarẽ totalmente o mũdo,ainda aquelles, a quem o mundo deixa: que haja resoluçam na mocidade pera meter o mundo debaxo dos pês,quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafronta hoje a natureza humana. Là dezia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est,& ego mundo*, Ad Gal. O mũdo está crucificado em mĩ,& eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas pera

pera Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas pera o mundo. E q̃ dè eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas; nam he muito. Mas q̃ quando o mundo me mostra bom rosto, dé eu de rosto ao mundo; esta he a valentia maïor. Que quando o mundo se rî de vós, vós choreis por elle; ô fraqueza! Mas que quando o mundo se rî pera vós, vós vos riais delle; ô valentia!

He tam grande valentia esta, que sendo propriedade das forças da rezam nam fiou S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyses, & dis assim: *Mouses grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis, magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Ad Hæb. 11. Moyses depois q̃ foi de maïor idade, deixou o Paço delRey Faraó, deixou a Princesa, deixou quanto alî possuïa, & esperava; escolhendo viver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no captiveiro do Egypto. O em q̃ reparo aqui he, no *grandis factus*: que fes isto Moyses depois de ser de maïor idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resoluçam, & nam dos annos de Moyses. Pois se a resoluçam estava no animo, & nam nos annos, porque dis q̃ era de maïor idade Moyses, quando deixou o Paço, & se cativou por Deos? Direi. Moyses criarase no paço delRey Faraó desde minino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, q̃ o adoptara por filho, & como tal era servido, & venerado com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyses a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de huma coroa, pareceolhe a S. Paulo q̃ nam era façanha creivel em poucos annos; por isso ajuntou a resoluçam com a idade, pera q̃ a idade desse credito â resoluçam: *Moyses grandis factus.* Como se dissera. Ninguem duvide esta galharda acçam de Moyses, porq̃ quãdo a fes, era jà de maïor idade, bẽ cabia nos seus annos. Ora seja embora a resoluçam de Moyses victoria do tẽpo, q̃ a grande acçaõ, q̃ nòs celebramos hoje, com ser tam parecida em tudo o mais, nam se pode gloriar della o tẽpo, senam a rezam. Obrou aqui a força da rezam, o que lá fes o

 poder

poder do tempo: *Elisabeth impletum est tempus.*

Et audierunt vicini, & cognati ejus quia magnificavit Deus misericordiam suam cũ illa. Tanto q̃ naceo S. Ioão (dis o Evangelista) soouse logo pelo lugar, q̃ engrandecera Deos sua misericordia com S. Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notavel dizer! Parece q̃ nam està boa a consequencia do texto. O q̃ soou pelo lugar, avia de ser o que sucedeo em casa de Zacharias. Suceder hũa cousa, & soar outra, isso acõtece nas Cortes lisongeiras, & maliciosas, & nam nas montanhas simples. O nosso Evãgelho o dis: *Divulgabãtur omnia verba hæc*: q̃ o que se divulgava, era o mesmo q̃ sucedia. Pois se o q̃ sucedeo foi nacer o Baptista: *Elisabet peperit filium*, como dis o Evãgelista, q̃ o q̃ soou foi q̃ engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierũt, quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande louvor do Baptista! Quãdo as vozes dizião em casa de Zacharias, q̃ nacera Ioam, repetião os eccos nas montanhas, q̃ Deos engrandecera sua misericordia; porq̃ quando Ioão sae ao mundo, augmẽtaõse os attributos a Deos: quando Ioam nace, Deos crece. Não he arrojamento, senam verdade muito chãa. Disseo o mesmo S. Ioam, & mais fallava em seus louvores cõ grande modestia: *Illũ oportet crescere me autem minui*, Ioan. 3. Importa q̃ elle creça, & q̃ eu diminua. Aquelle (elle) nam se refere menos, q̃ ao Verbo humanado. Pois como assim? Deos ainda em quanto humanado nam pode crecer. Como logo dis S. Ioam: *Illum oportet crecere*: importa q̃ elle creça? E dado q̃ podesse crecer, q̃ dependécia tinhão os crecimẽtos de Deos, das diminuiçoẽs do Baptista? Deos he grãde sem depéder de ninguem. Como dis logo: *Illum oportet crescere, me autẽ minui*: importa crecer elle, & diminuir eu? He possivel crecer Deos? E he possivel, q̃ o seu crecer dependa do Baptista? Sĩ. Porq̃ ainda que Deos, por ser infinito, não pode crecer em sy mesmo, por ser limitado o conhecimẽto humano, pode crecer na nossa estimaçam. E na estimaçam dos homẽs, nẽ Deos podia crecer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia diminuir sem Deos crecer. Ora vede como. O cõceito q̃ os homẽs

mẽs faziáo de Deos antiguamẽte, era tal, q̃ quando o Baptiſta apareceo no mũdo, aſſentarão q̃ elle era Deos. Conforme eſta reſoluçam lhe forão offerecer adoraçoẽs ao deſerto, onde o meſmo S. Ioam os deſenganou. Matth. 11. E como o meſmo Baptiſta, & Deos, na opiniam dos homẽs, erão iguaes; tãto que por ſeu teſtemunho ſe desfes eſta opiniaõ: neceſſariamẽte creceo Deos, & o Baptiſta diminuïo. Diminuïo o Baptiſta, porq̃ ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou maïor que o Baptiſta. De ſorte, q̃ depois que o Baptiſta veïo ao mundo, ficou Deos, pera com os homẽs, maïor do que dantes era: porque dantes era como o Baptiſta, depois começou a ſer maïor que elle. Dõde ſe infere, em grande louvor deſte grande Santo, q̃ a medida do Baptiſta he ſer menor q̃ Deos, & a medida de Deos he ſer maïor q̃ o Baptiſta. Nam tenho menos abonado fiador, que S. Agoſtinho: *Quiſquis Ioanne plus eſt non tantùm homo, ſed Deus eſt.* Sabeis quem he Ioam? he menor que Deos. Sabeis quem he Deos? he maïor que Ioam. Com eſta differença; porem, que em quanto S. Ioam o nam diſſe, erão iguaes; depois que o teſtemunhou começou Deos a ſer maïor. Que muito logo, que creça Deos nos ſeus attributos, quando S. Ioam nace no mundo? *Et audierunt quia magnificavit Deus miſericordiam ſuam.*

Deſta maneira creceo Deos naquelle tẽpo, & tambẽ eu hoje, ſe a cõſideraçam me nam engana, o vejo muito crecido. Entam creceo nas minguantes de Ioam, hoje crece nas minguantes do mũdo. Appareceolhe a Nabucodonoſor aquella taõ repetida, & taõ prodigioſa eſtatua; & vio o Rey, q̃ tocadolhe hũa pedra nos pês de barro, a eſtatua ſe diminuîo a poucas cinzas, & a pedra creceo á grandeſa de hũ mõte: *Factus eſt mons magnus, & replevit terrã.* Dan. 2. Pera entẽder eſta figura, q̃ he enigmatica ſaibamos quẽ era a pedra, & quem a eſtatua. Em ſentido de S. Ambroſio, & S. Agoſtinho, a eſtatua era o mundo, a pedra era Deos. Pois ſe a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pode crecer? E ſe a eſtatua he o mundo como diminue a eſtatua? O mũdo diminueſe? tudo ſam effeitos da eſtimaçaõ dos homẽs. Segundo a

eſti-

estimaçam q̃ fazemos de Deos,& do mundo,ou crece a estatua, & diminue a pedra,ou crece a pedra,& diminue a estatua.Se pomos a Deos aos pês do mundo,crece o mũdo,& diminue Deos, se pomos o mundo aos pês de Deos, crece Deos, & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nadas do mundo, he faser a Deos menor que nada : mas deixar o tudo do mũdo por amor de Deos,he faser a Deos maîor q̃ tudo. *Accedet homo ad cor altum,& exaltabitur Deus*, Ps. 66. Bemdito seja elle, q̃ de quantas veses vemos a Deos tam pequeno,& tam apoucado nas Cortes dos Reys,o vemos hoje tam grãde,& tam crecido! Tam crecido,& tam acrecentado està hoje Deos em sua grandeza, quãtas sam as grandezas do mundo q̃ vemos a seus pês arrojadas. A estatua de Nabuco,na estatura representava grandezas, na materia riquezas, na significaçaõ estados, & tudo isto abrasado em fogo do coraçam se rende hoje em cinzas aos pês de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo,q̃ quem lho offerece em estatua. Porq̃ o mundo em estatua he muito maîor q̃ sy mesmo. Pera derrubar com hũa pedra ao Golias bastou a funda de David, 1. Reg. 17. Pera derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco forão necessarios impulsos (posto q̃ invisiveis) do braço de Deos,Dan.3. O Golias tinha de altura seis covados,a estatua tinha sessenta; q̃ nas grandezas mais pomposas do mundo sempre sam maîores os Gigantes q̃ as estatuas. Nunca as machinas vivas igualão a medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperãça, profetiza o desejo, representa a imaginaçam : & ainda q̃ a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representaçoẽs nũca chegão; mais triumpha o amor divino, quãdo piza o fantastico, q̃ o verdadeiro:o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir, he vsura de merecer,porq̃ quem mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dá os onde sam maîores. A melhor parte dos bẽs desta vida he o esperar por elles: logo mais fas quem se inhabilita pera os esperar, q̃ quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Aposto

los

los quando lançavão as redes,& não quãdo a as recolhião: *Mittentes rete in mare*, Matth.4. Porq mais fas quem deixa as redes lançadas,que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lanção levão em cada malha hũa esperança; os lanços quãdo se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ô quantas, & quam bẽ entendida grandesas honrão hoje em piadoso sacrificio os altares de Christo! Dezia S. Paulo aos Romanos, q̃ ninguẽ pode dar a Deos senam o q̃ Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tam engenhosamente liberal, q̃ avendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do q̃ Deos lhe deu. Nam ha duvida, q̃ dos bens temporaes mais liberal he o mundo em suas promessas, q̃ Deos em suas liberalidades. Nam costuma Deos dar tanto, quanto o mũdo costuma prometer. Bem se segue logo, q̃ mais dá a Deos quem lhe dá as promessas do mũdo, q̃ quem lhe torna as dadivas suas. Se dais a Deos o q̃ Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o q̃ o mundo vos promete, dais muito mais. O quanto liberal está com Deos, quem dandolhe as maiores grãdesas, ainda busca artificios de lhas dar acrecentadas! E q̃ artificio pode aver pera acrecẽtar os bens, & grãdezas do mundo? Eu o direi: Que nos exẽplos desta acçam nam se pode deixar de aprender muito. Os bens, & grandesas do mũdo falsamente se chamão bens, porq sam males, & sem rezam se chamam grandesas, porq sam pouquidades. Pois q̃ remedio pera faser das pouquidades grandesas, & dos males bẽs? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porq esses, q̃ o mũdo chama grandes bẽs, sô sam bens quando se deixão, sô sam grandes quãdo se esperão. A esperança lhe dá a grandesa, o desprezo lhe dá a bondade: desprezados sam bẽs, esperados sãm grandes. E assim: mais dá quem despreza o q̃ espera, q̃ quem dá o q̃ pessue. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdesas, sam despojos as cinzas, q̃ hoje se rẽdem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. O como desaparece a estatua! O como crece o monte! De nossas diminuiçoẽs augmẽta Deos suas grãdesas,

desas, de nossos desprésos sua Magestade.

Lá vio S. Ioam no Apocalipse aquelles vinte & quatro anciãos, q̃ tirãdo as coroas das cabeças, as lançavão aos pês do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronũ.* Apoc 4. Tornou a olhar o Evangelista, & vio, q̃ Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite ejus diademata multa*, Apoc. 9. Pois se as coroas se lançavão aos pês de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandesa, quãto desprésaõ os homẽs por seu amor. As coroas na cabeça de Deos erão augmentos de sua grãdesa: as coroas aos pês de Deos eram desprésos do amor dos homẽs; & cõ as mesmas coroas, q̃ arrojava o despréso humano, se authorisava a Magestade divina: porq̃ tãto crece Deos nos augmentos de sua grãdesa, quantas sam as grandesas, q̃ põe aos pês de Deos nosso amor. Digase logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje duplicamente: huma vez medio com S. Ioam, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioam, he crecer muito Deos em sua estimaçaõ, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

Et venerunt circuncidere puerum. Vierão circuncidar o minino. Suposto q̃ o minino era S. Ioam parece que o não avião de circuncidar. A circuncisam naquelle tempo era o remedio do peccado original, se estava em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua mãy, porq̃ se sogeita ao rigor da circuncisam? Porque ainda q̃ a circuncisam nam lhe tirava o peccado original, de q̃ estava livre, acrecentavalhe a graça da justificaçam cõ que nacera santificado. E essa he nos servos de Deos a maior fineza da virtude, sogeitarmese a tomar pera augmento da graça, os rigores, que Deos deixou pera remedio da culpa. A circuncisam nos outros homens era remedio da culpa, em S. Ioam era sô augmento da graça; & sogeitarse S. Ioam pera maïor graça, nas izençoẽs de innocẽte aos remedios de culpado! Grande acçam: grande sacrificio. Falla Zacharias à letra do maïor sacrificio da ley da Graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, &c.

dis

dis assim: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinũ germinans Virgines?* Zach. 9. Que cousa fes Deos boa, que cousa fes Deos fermosa neste mundo, senão o pam dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, nam averá quem o negue. Mas q̃ diga o Profeta, que nam ha outro tam bom como elle: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus?* Nam sei como o avemos nós de cõceder. E pera q̃ nam vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Crus, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmẽte. Pois porq̃ dis Zacharias, q̃ o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he menor q̃ todos? A rezam da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Crus foi sacrificio pera remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio pera augmento de graça. Ainda que em Christo nam avia peccados proprios, nem merecia graça pera sy; tinha cõ tudo tomado por sua conta a satisfaçam de nossos peccados; & os meios de nossa justificaçam. E q̃ sacrifique tanto Christo na Eucharistia pera augmento da graça, quanto sacrificou na Crus pera remedio da culpa! q̃ empenhe corpo, & sangue pera augmentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue pera alcançar perdaõ ao peccado! he circunstãcia de sacrificio tam relevante esta, que da mesma identidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagẽs: *Quod bonũ ejus, & quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue, que os outros derão ao golpe da circuncisam, pera remedio da culpa, deu o S. Ioam (que a nam tinha) sô pera augmentos da graça; & que se sacrifique hum innocente, pera crecer na graça, ao que está sogeito o peccador pera remediar a culpa! Grande acçam do Baptista. Mas nam foi sua sô esta ves, nem sua sômente.

Duas innocencias temos hoje sogeitas aos remedios da cul-

pa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̃ taes injustiças como estas sabe fazer o Amor Divino. Códena innocencias como culpas, castiga merecimẽtos como delitos. Que façăo grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo: q̃ a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum, minino, em q̃ peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado condenado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Baptista fora o maior peccador, q̃ avia de fazer senam isto! Mas isto fes, porq̃ avia de ser o maior Santo. Nam pode chegar a mais o mais fervoroso desejo da santidade, q̃ sogeitarse aos remedios do peccado quem goza os privilegios da innocẽcia. Encarece S. Paulo o amor de Christo pera com os homẽs, & dis desta maneira aos Corinthios: *Qui peccatum non noverat pro nobis peccatum fecit.* Amou o Filho de Deos tanto aos homẽs, q̃ nam tendo conhecimento de peccado, se fes peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo nam era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por rezam da vniam ao Verbo sua alma nam era impeccavel? As mesmas palavras o dizẽ, *qui peccatum non noverat.* Pois como pode caber delito na innocẽcia: como pode ser, que o impeccavel se fizesse peccador! *Pro nobis peccatum fecit?* Respondo. O impeccavel nam se pode fazer peccador de culpas, mas podese fazer peccador de penas. Nam pode cometer peccado quanto á culpa, mas podese sogeitar à pena do peccado como se o cometera. Isto he o q̃ fes Christo por amor de nòs, & isto he o q̃ muito encarece S. Paulo em seu amor: *Qui peccatũ non nouerat pro nobis peccatũ fecit.* Não pode o amor chegar a maior extremo, não se pode adelgaçar a maior fineza, q̃ a fazerse peccador nas penas quẽ he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de pennas, busca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazerse peccador de pennas o innocente de culpas, he buscar na penitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pello q̃ ofendeo, neste

neste pelo que ama: vede quaes agradaram mais a Deos, se as satisfaçoẽs do offendido, se as obrigaçoens de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os termos da igualdade quanto entre o divino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor competidas, como as dividas de nossa obrigaçam desempenhadas. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, huma innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, esposo do Ceo; que estas sam as cores de vosso pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras do vosso Reyno: *Filiæ Babilonis induuntur purpura, & bisso*, (dizia S. Bernardo em semelhante acçam â Virgẽ Sofia) *& subinde conscientia pannosa jacet: fulgent mõnilibus moribus sordent. E contra tu, foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed divinis aspectibus nõ humanis: intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* Nem a romancear me atrevo estas palavras, porque em tanta differença de eleiçoẽs, ou se hade topar com o aggravo, ou com a lisonja. *E cõtra tu* (sô isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Pello contrario vós, ô esposa de Christo (dis S. Bernardo) como dentro tendes a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas: por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores: *Foris pannosa, intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente, q̃ quando reparo nestas palavras me parece q̃ vejo jà sinaes do dia do Juizo. Hum dos sinaes do dia do Juizo serâ (como dis S. Ioam no Apoc. 6.) vestirse o Sol de cilicio: *Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus.* E se jà vemos vestido de cilicio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores, debaixo da asperesa de tam grosseiros eclypses, q̃ avemos de dizer? Que se acaba o mũdo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade se pode dizer assim; porq̃ melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em q̃ o mũdo se deixa, q̃ aquelle em q̃ o mũdo se acaba. Quanto mais, q̃ tambem se acaba o mũdo pera quem acaba com elle. Como cadahũ de nòs tem o seu mundo, o vniversal acaba cõ todos, o particular acaba com cadahũ. E que muito q̃ se vejão

sinaes do dia do Juizo em huma alma pera quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Nam; que o fes innocente a natureza. Pois porque? Pera os olhos do mundo pòr luto, pera os olhos de Deos pòr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocente, porque nam ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que hũa innocencia illustre em habito de penitencia.

Aquellas pelles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estavãolhe muito mal a Adam, mas estavãolhe muito bem a Abel. A Adam estavãolhe muito mal, porque erão habito de peccado com penitẽcia, a Abel estavãolhe muito bem, porq́ erão habito de penitencia sem peccado: Gen. 3. Em Adam erão habito de penitenciado, em Abel erão habito de penitẽte. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores, & a penitencia dos innocentes; q́ a penitencia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Nam quero dizer, que os actos de penitencia no peccador, & no innocente nam sejão virtuosos sempre. Sô digo, q́ os peccadores tomão a virtude da penitencia pelo q́ tem de remedio, os innocẽtes tomão o remedio da penitencia pelo q́ tem de virtude. Donde se segue: que a penitencia honra os peccadores, os innocẽtes honrão a penitencia. A penitencia honra os peccadores; porq́ lhe tira a afronta do peccado, os innocẽtes honrão a penitencia porq́ lhe tirão a mistura de remedio. O ditoso Baptista, ô ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes; & ambos honradores da penitencia. Ditosos vós q́ fazeis trofeos de vitoria os instrumentos do desagravo, & gozais a perrogativa de penitentes, sem o desar de arrependidos. Em vós he virtude o que nos outros he remedio, em vós eleiçam o que nos outros necessidade. Sô em vós nam he remedio do peccado a penitencia, sendo que sô a vossa penitencia poderâ ser remedio do peccado. Porq́ offensas nam merecidas, quaes sam as de Deos, sô se pagão com castigos nam merecidos, quaes sam os dos innocentes. O merecimento offendido sô o pode satisfazer, a innocencia castigada.

O que

O que grande ſacrificio pera Deos! O que grãde liſonja pera o Ceo! Lá diſſe Chriſto, que fas maior feſta o Ceo ao peccador penitente, que ao juſto ſem penitencia. Pois ſe a innocencia do juſto agrada muito, & a penitencia do peccador agrada mais; quanto agradará aquelle excellente eſtado, que abraça a perfeiçam de ambos, & ajunta a penitencia de peccador com a innocencia de juſto? Iſto he o que fes o Baptiſta hoje na circunciſaõ, ſojeitando izençoẽs de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circuncidere puerum.*

Et vocabãt eum nomine patris ſui Zachariam. Feito o acto da circunciſam tratouſe de dar nome ao menino, & queriaõ os circũſtantes, q̃ ſe lhe puzeſſe o nome de ſeu pay, & q̃ ſe chamaſſe Zacharias. Ouvio iſto S. Iſabel, & diſſe: *Nequaquã*; por nenhũ caſo: nam ſe ha de chamar aſſi. E porq̃ rezam? Porq̃ nam ſe ha de chamar Zacharias o filho de Zacharias? Nam era nome ſanto? Nam era nome illuſtre? Nam era nome authoriſado? Nam era nome glorioſo? Sy era, mas era nome de pay: *Vocabãt eum nomine patris ſui.* E o nome dos pays quãto mais illuſtre, quãto mais glorioſo, tãto menos o hade tomar quem profeſſa ſervir a Deos, como profeſſava o Baptiſta. No nome perpetuaſe a memoria dos pays: na Religiam profeſſaſe o eſquecimento delles: *Obliviſcere populum tuũ, & domũ patris tui.* Pſ. 44. E como o Baptiſta avia de ſer (como foi) primeiro fundador, & exemplar de Religioſos; nam quis prudente S. Iſabel, q̃ tomaſſe o nome de Zacharias; porq̃ nam era juſto, q̃ conſervaſſe a memoria dos pays no nome, quem profeſſava o eſquecimento dos pays na vida. Quereis q̃ ſe chame Zacharias, porq̃ he nome de ſeu pay? Alegais contra vós. Antes porque he nome de ſeu pay, ſe nam hade chamar aſſi: *Vocabant eum nomine patris ſui Zachariam, & ait mater ejus nequaquam.* Que grãdemente imitádo, ſe bem em parte excedido vemos hoje eſte exemplo do grãde Baptiſta. S. Lucas, porque eſcrevia pera a memoria dos futuros, deteveſe neſte lugar em contar a genealogia dos pays de S. Ioam; eu que fallo aos olhos dos preſentes, não me he neceſſario determe em tam

tam sabido, como tambem me nam fora possivel em tam grandioso assumpto. Muito fes quem deixou o nome de Zacharias, authorisado alsim cõ huma teara; mas muito mais fàs quẽ deixa o gloriosissimo nome de Gusmaõ (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & esclarecido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje cõ mais gloria, q̃ em nenhum outro Reyno (posto q̃ com igual magestade em tantos) o vemos felixmente coroado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminentissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmaõ; & este he o q̃ hoje vemos deixado pelo humilde da Crus. Nam sei se admire nesta eleiçam o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Quãdo os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão ás Marias o q̃ buscavão, vzarão de differentes termos (segundo diversos Evãgelistas.) O Anjo de S. Matheus perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesũ, qui crucifixus est, quæritis*. Mat. 28. O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavão a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum quæritis Nazarenum crucifixum*, Marc. 16. Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado; porq̃ rezam o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado sòmente, & nam fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Evãgelistas, o doutissimo Maldonado, notou advertidamente, q̃ o Anjo de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homẽ: *Mattheus Angelum, Marcus hominem appellat*. He do texto. Porque S. Matheus dis assi: *Angelus Domini descendit de Cœlo, qui dixit mulieribus*: Hũ Anjo do Senhor deceo do Ceo, que fallou ás molheres E S. Marcos dis assi: *Intrantes monumentum viderunt juvenem sedentem*. Entrando no sepulchro virão hũ mancebo assentado. E como o que fallou âs Marias em S. Marcos, era homẽ, & em S. Mattheus era Anjo; por isso o de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S. Matheus chamou

lhe

lhe Iesu crucificado sômente,& nam fallou no Nazareuo. Ora notai. Entre o Nazareno,& o crucificado avia esta differéça em Christo; que o Nazareno era nome dos pays, o crucificado era nome da Crus: & antepor o nome de Nazareno ao de crucificado,antepor o nome dos pays ao nome da Crus, isso fazem os Anjos,que saõ como homes,mas tomar o nome de crucificado, & callar o de Nazareno,tomar o nome da Crus, & deixar o nome dos pays,isso fazem os Anjos,que sam como Anjos. O Anjo de S. Marcos, que fallou como homé da terra: *Viderũt juvenem sedẽtem*:antepos o nome dos pays ao nome da Crus: *Iesum quæritis Nazarenũ crucifixũ.* O Anjo de S.Mattheus,que fallou como Anjo do Ceo: *Angelus Dñi descendit de Cœlo:* tomou o nome da Crus,& deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est quæritis.* O discriçam mais que humana! O eleiçam verdadeiraméte Angelica! Sei eu que as Marias ouvirão os Anjos, mas nenhũa dellas aprédeo a mudar o nome. Maria Magdalena nam se chamou da Crus,senam Magdalena: Maria Cleofé nam se chamou da Crus,senam Cleofé. Nam souberão deixar o nome dos pays,& tomar o da Crus aquellas Marias,porque estava este religioso primor guardado pera outra, que na devaçaõ avia de vencer as Marias,& na discriçam igualar os Anjos.

Mas assim como em casa de Zacharias se levantou questam sobre o nome do Baptista; assim he bem que a tenhamos hoje a qui sobre este nome da Crus. Quem lá contradise o nome de Ioam forão as pessoas mais authorisadas,que assistião à celebridade da festa: *Qui venerant celebritatis gratiâ*: comenta o Car deal Toledo. Quem aqui impugnarâ o nome da Crus,serâ tambem a pessoa mais authorisada, que assiste â celebridade da festa,que he quem? Christo Sacramentado. E assim como lâ dizião que nam se avia de chamar Ioam senam Zacharias: assim câ dis Christo,que não se avia de chamar da Crus,senam do Sacraméto. Nam he imaginaçam sem fundamento minha,he acomodaçaõ verdadeira tirada com toda a propriedade,do texto. O nome q̃ lâ querião dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que

quer

quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Senhor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a memoria do Senhor, q̃ elle nos deixou por prendas em sua ausencia: *Hæc quotiescumq; feceritis in mei memoriam facietis*. Està fundado. Agora perguñto eu. E q̃ rezam tem Christo Sacramentado pera dizer, q̃ nam quer q̃ o nome seja da Crus, senam do Sacramento? A rezam he muito forçosa. Porq̃ professar Religiam mais he Sacramentarse, q̃ crucificarse. Todos os Sanctos cõmummente chamão Crus ao estado Religioso; mas cõ licença sua eu digo, q̃ o estado Religioso tem mais do Sacramento, q̃ da Crus. A rezam em que me fundo he esta. Porq̃ na Crus morreo Christo huma sô ves; no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da Crus foi cruento; mas foi vnico; o sacrificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; Ioan. 15. mas tem hum grãde desar esta fineza, q̃ quem a fas nam pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a vltima: E como Christo amava tam extremamente aos homẽs, & via q̃ morrendo na Crus se acabava a materia a suas finezas; que fes? Inventou milagrosamente no Sacramento hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & nam acabãdo poder repetir a morte. Esta he a ventagem, q̃ leva em Chisto o amor, que nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mostrou na Crus. Na Crus morreo huma ves; no Sacramento morre cada dia: na Crus deu a vida; no Sacramẽto perpetuou a morte. A Esposa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirâ a verdade desta fineza: *Fortis est vt mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio*; Cant. 8. O amor, se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he como a morte; & se he maior (que isso quer dizer *æmulatio*) he como o inferno. Notavel dizer! Porq̃ rezam compara Salamam o amor grãde à morte, & o amor maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença, q̃ a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor grãde se compara á morte, & o maior ao inferno; porque mais

he

he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer huma ves; perpetuar a morte he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Crus, & no Sacraméto. Cópetio o amor de Christo no Sacraméto, & o amor de Christo na Crus; o da Crus foi como o da morte, porq̃ chegou a tirar a vida: *Fortis est vt mors dilectio*; o do Sacramento foi como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernus æmulatio.* E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a rezam porq̃ o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, q̃ com a Crus. Na Crus morrese huma sô ves, no Sacramento morrese cada dia. Sei q̃ disse S. Agostinho, q̃ sô os Martyres pagão a Christo a fineza q̃ fes em se deixar no Sacramento, porq̃ morrẽ por quem morre por elles: *Qui accedis ad Mensam Principis debes similia præparare, hoc beati Martyres fecerũt.* Mas esta rezam de S. Agostinho (dènos licença o lume da Igreja) impugnase facilmente. Porq̃ muitas mortes nam se pagão cõ huma sô morte: Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrẽ hũa sô ves: logo nam pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois q̃ dirémos a isto? Digo q̃ os Martyres pagão a Christo na Crus, os Religiosos pagão a Christo no Sacramento. Os Martyres pagão a Christo na Crus, porq̃ morrẽ huma ves, por quem huma ves morreo por elles: os Religiosos pagão a Christo no Sacramento, porque morrẽ cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Nam he menos Religioso, q̃ o exemplar de todos, S. Paulo: *Quotidie morior*: Cada dia morro. De maneira, q̃ assim como Christo no Sacramento inventou hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & nam acabando poder repetir a morte; assim os Patriarchas das Religioẽs (& melhor que todos o Serafico em seu divino instituto) parecendolhe pouco amor nam morrer, & pouca morte morrer huma sô ves; acharão este modo milagrosamente natural de viver morrendo, pera na

 morte

morte multiplicarẽ as entregas da vida, & na vida perpetuarem os ſacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioens S. Baſilio. Falla o grande Baſilio das cellas das Religioẽs mais eſtreitas, & dis, q̃ a cella de huma alma religioſa he emula, he competidora da ſepultura de Chriſto: *O cella Dominicæ ſepulturæ æmula!* Pois ſaibamos; que calidades tem huma cella pera tam nobre competencia? Em que preſunçoẽs ſe funda eſta emulaçaõ? Que ſe cõpare a cella a qualquer ſepultura; juſta ſemelhãça: porque onde o habito he huma mortalha, o leito hum ataúde, as paredes tam eſtreitas, & cõ tam pouca luz, como eſtas q̃ vemos, muito ha de ſepultura. Sepultura ſim: mas ſepultura nam outra, ſenam a de Chriſto; porq̃ rezam? Porq̃ nas outras ſepulturas mora ſô a morte, na ſepultura de Chriſto morou a morte, & mais a vida jũtas. Na ſepultura de Chriſto eſteve a vida morta, & a morte reſuſcitada: & taes ſam as voſſas cellas, ô religioſos ſpiritos. *O cella Dominicæ ſepulturæ æmula, quæ mortuos ſuſcipis, & reviviſcere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da ſepultura de Chriſto, pois eſtâ em ti a vida morta, & a morte reſuſcitada: a vida morta, porq̃ nam tem vſos a vida; a morte reſuſcitada, porq̃ tem alentos a morte. Es hũa ſuſpençaõ glorioſa de morte, & vida (ſe bem glorioſa com pena) onde poſta a alma nas rayas do viver, & morrer participa indiciſamente o mais riguroſo de ambas; inſenſivel, como morta, pera o goſtoſo da vida: ſenſitiva, como viva, pera o penoſo da morte. Em ti ſe vé multiplicado o milagre natural da Feniz, ſendo patria, & ſepulchro quotidiano, onde ſe morre a vida, & ſe nace a morte, faltando cinſas, mas nam faltãdo incendios. Em ti (& com maïor propriedade hoje) ſe vé verdadeira a metafora dos orizontes, ſendo oriente, & occaſo juntamente, onde o Sol no meſmo inſtãte morto, & nacido reſuſcita a hum emisferio quãdo ſe ſepulta a outro. Em ti finalmente (cõ ſeres a melhor parte do paraiſo) ſe vé ſem fingimento a fabula do inferno, ſendo cada Religioſo ſpirito hum Ticio em bẽaventurança de penas, q̃ nam podẽdo morrer pera

morrer

morrer mais veſes, tẽ morta a vida, & ĩmortal a morte: *Semperq̃ renaſcens non perit, vt poſſit ſæpe perire.* Nam he muito, q̃ ache eu cõparaçoẽs no inferno ao maïor ſacrificio, quãdo no inferno as buſcou a alma ſanta ao maïor Sacramento. De hũ, & outro ſe pode dizer cõ grãde ſemelhãça: *Dura ſicut infernus æmulatio.* E como o ſacrificio da Religiaõ por ſer morte perpetuada, ſe parece mais com o Sacramẽto, q̃ cõ a Crus; ſendo o officio dos nomes declarar a eſſencia das couſas; parece q̃ quẽ profeſſa Religiam nam ſe deve chamar da Crus, ſenam do Sacramẽto: *Et vocabant eũ nomine patris ſui Zachariã, hoc eſt, memoriã Domini.*

Cõ tudo reſponde S. Iſabel: *Nequaquam.* Por nenhũ caſo. E cõ muita rezam. Porq̃? Pella meſma, q̃ o perſuade. Porq̃ ſe o nome do Sacramẽto dis tudo o q̃ ha no eſtado Religioſo, & o nome da Crus dis menos, pelo meſmo caſo ſe deve tomar o nome da Crus, & nam o do Sacramẽto. Na eleiçam dos nomes ha hũa differença tomada dos fins porq̃ ſe elegẽ: os nomes, q̃ ſe tomão por verdade dizẽ tudo, os q̃ ſe tomão por vaidade dizẽ mais, os q̃ ſe tomão por humildade dizẽ menos. E como a meſma humildade, q̃ deſprezou a grãdeza dos nomes paternos, foi a que fes a eleiçaõ do nome Religioſo; por iſſo cõ diſcreta impropriedade eſcolheo o nome diminutivo da Crus, em q̃ he mais o q̃ ſe calla, q̃ o q̃ ſe dis. Como reſpondo a Chriſto Sacramentado, cõ o meſmo nome do Sacramẽto quero cõfirmar a repoſta. O Sacramẽto do altar chamaſe corpo, & ſangue de Chriſto. Eſſe nome lhe deu o meſmo Senhor: *Hoc eſt corpus meũ. Hic eſt calix ſanguinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramẽto mais algũa couſa? Ha alma, & ha divindade. Pois ſe no Sacramẽto nam ſó eſtâ corpo, & ſangue, ſenam tambẽ alma, & divindade, porq̃ ſe nam chama corpo, & alma, ſangue, & divindade de Chriſto, ſenaõ corpo, & ſangue ſômente? Porq̃ eſte nome deu o Chriſto ao Sacramento na hora em q̃ ſe quis moſtrar mais humilde. A hora em q̃ Chriſto ſe moſtrou mais humilde foi a meſma em q̃ inſtituïo o Sacramẽto de ſeu corpo, & ſangue, diſpondo aos Apoſtolos cõ a pureſa do lavatorio: & a ſy com a humildade de lhe lavar os pês. E como

Christo pos o nome a este misterio cõ advertẽcias de humilde, por isso declarou sòmente o menos, que nelle avia; q́ os nomes, que compõe a humildade sempre callão mais do q́ dizẽ. O que dis he corpo, & sangue; o q́ calla, he alma, & divindade. O mesmo passa no nosso caso: que ainda, que se nam tomou o nome ao Sacramẽto, seguioselhe o exẽplo. Deixase o nome do Sacramẽto, porque dis menos; q́ se preza o verdadeiro amor, do q́ he, & nam do q́ significa. Bastelhe à Religiam ser Crus, *ex vi verborũ* ainda q́ seja muito mais, *per concommitantiam*. Tam justo foi logo deixarse o nome de Zacharias quãto à significaçam, como quanto á realidade: *Et ait mater ejus nequaquam.*

Acabousenos o thema; & se me nam engano tenho ponderado todas as clausulas delle, cõ alguma semelhãça ás obrigaçoẽs deste dia. Mas tambẽ vejo q́ repararião os mais coriosos em que passei em silẽcio aquellas palavras: *Audierũt vicini, & cognati, & congratulabãtur ei.* Confesso q́ nam fallei nestas palavras, & tambẽ cõfesso, q́ as deixei, porq́ nam achei nellas semelhãça senam muita differença do nosso intẽto: *Cognati, & vicini cõgratulabantur ei.* Lá no nacimẽto do Baptista dis o Evãgelho, q́ os parentes, & os visinhos estavão muito cõtentes, & agradecidos; porem cà nam he assim. Tam fora estam de poderẽ estar cõtentes os visinhos, & os parẽtes; q́ antes o parentesco, & a visinhãça tem rezam de estar queixosos. Tem rezam o parẽtesco de estar queixoso, porq́ se vè a sy deixádo: tẽ rezam a visinhãça de estar queixosa, porque vé os estranhos preferidos. Quando o sangue se vé deixado, porque nam ha de estar queixoso o parentesco? E quando as Estrãgeiras se vem preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramẽte digo, q́ não tẽ rezam o parẽtesco d'estar queixoso; porq́ quando as obrigaçoẽs do sangue se deixão por amor de Deos, nam he fazer offensa, he fazer lisonja ao parẽtesco. Da parte de quẽ he deixádo he sacrificio, mas da parte de quẽ dei-

xa

xa he lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo ẽ sua casa, & tinha esta senhora hũa irmãa a quẽ o texto chama Soror Maria: *Et huic erat Soror nomine Maria:* Luc. 12. A qual se retirou com Christo; & assentada humilde a seus pês, o estava ouvindo, & contẽplando. Chegou Martha ao Senhor, & disselhe: *Domine non est tibi curæ quod Soror mea reliquit me solam ministrare?* E bẽ Senhor tãto vos descuidais de mĩ, que nam vedes, que minha irmãa me deixou sô? Esta foi a historia; duas saõ as minhas ponderaçoẽs. Digo, que Martha na queixa que fes de Maria offereceo hũ grande sacrificio a Christo, & Maria na occasiam que deu a queixa, deu huma grande satisfaçam a Martha.

Difficulto assim. Christo nam foi o q̃ chamou a Maria; Maria foi a q̃ se assentou a seus pês sagrados. Pois se a occasiaõ justa, ou in justa da queixa a deu Maria, & nam Christo; porq̃ propõe Martha a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porq̃ Martha nesta acçam nam pretẽdeo tãto dar queixas de Maria, quãto offerecer sacrificios a Christo. Como se dissera Martha. Nam cuideis Senhor, q̃ sô Maria he a q̃ fas as finezas, q̃ eu tambẽ vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua devação, eu sacrifico minha soledade: *Reliquit me solã ministrare.* Ella offerecevos o estar cõ vosco, eu offereçovos o estar sem ella. De sorte, q̃ em hũa acçaõ avia alli dous sacrificios: hũ de Maria, porq̃ se fora pera Xpõ. outro de Martha, porq̃ a deixara Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maïor; o de Maria, ou o de Martha? Eu nam me atrevo a dar sentẽça nesta causa. Sô digo, q̃ se neste lugar prégara S. Pedro Chrysologo avia de dizer, q̃ o sacrificio de Martha era maïor, q̃ o de Maria. Pergunta S. Pedro Chrysologo, quẽ fes mais, se Abraham em sacrificar a Isac; se Isac em se offerecer ao sacrificio. Gen. 32. Resolve q̃ Abraham; & verdadeiramẽte tẽ a escritura por sua parte. Pois se Isac era a victima, q̃ avia de ficar morto: se Abrahaõ era o Sacerdote, q̃ avia de ficar vivo; como era, ou como podia ser, q̃ o sacrificio fosse maïor em Abrahaõ, q̃ em Isac? A rezam he esta. Porque Isac sacrificava a sua pessoa, Abraham sacrificava a sua soledade: Isac offereciase a ficar sem vida, Abraham offereciase a ficar sem Isac. E segundo o

muito, q̃ Abraham amava aquelle filho, maior ſacrificio fazia em o dar a elle, que elle em ſe dar a ſy. Bem digo eu logo, que foi grande ſacrificio, o q̃ Martha offereceo a Christo entre ſuas queixas, pois lhe ſacrificou nam menos, que a ſoledade de Maria. *Reliquit me ſolam miniſtrare.*

E q̃ Maria na meſma occaſiam, q̃ deu a queixa, deu hũa grande ſatisfaçam a Martha, não ha duvida. Porque? Porq̃ deixar Maria a Martha nam por amor doutrẽ, ſenam por eſtar cõ Christo, foi dizerlhe claramẽte: q̃ fazia tam grãde eſtimaçam de ſua cõpanhia, q̃ ſô por Deos a podera deixar, & ſô cõ Deos a podia ſuprir. Vẽdo os filhos de Iſrael, q̃ avia quarẽta dias, q̃ faltava Moyſes, por eſtar fechado cõ Deos, determinarão abalar do pê do monte, & irſe. Forãoſe ter cõ Arão, & diſſerão aſſim: *Fac nobis Deo, qui nos præcedãt; Moyſi enim huic viro neſcimus quid acciderit:* Ex. 32. Araõ, fazeinos hũ Deos, q̃ nos acõpanhe, porq̃ não ſabemos q̃ feito he deſte homẽ Moyſes. Linda conſequencia por certo! Dai cà hũ Deos porq̃ falta Moyſes. Moyſes não era homẽ? Elles meſmos o dizião: *Moyſi enim huic viro.* Pois ſe Moyſes era homẽ, porq̃ pedião hum Deos em falta de Moyſes? Porq̃ ha preſenças, q̃ ſô por Deos ſe podẽ deixar; & ha auſencias, q̃ ſô com Deos ſe podẽ ſuprir. Como os Hebreos amavão tanto ao ſeu Moyſes, & ſe vião forçados ao deixar, fazião eſte diſcurſo. Jà que ſe hade deixar Moyſes, ſô por hũ Deos ſe hade deixar; & jà q̃ ſe hade ſuprir cõ outrẽ o ſeu lugar, ſô cõ hũ Deos ſe hade ſuprir. Por iſſo pedião a Arão hũ Deos, & nam outro ſubſtituto daquella auſencia: *Fac nobis Deo, qui nos præcedãt.* Eſta ſatisfaçam derão os Iſraelitas a Moyſes quãdo o querião deixar; & eſta foi a ſatisfaçam q̃ deu Maria a ſua irmãa quãdo a deixou. Deixou de eſtar cõ ella, mas por eſtar com Deos; *Quæ etiam ſedens ſecus pedes Domini.* Mam tem logo rezam o parenteſco hoje de ſe moſtrar ſentido, ou queixoſo, ſenam contente, & agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

Et audierũt vicini. Tambem ſe nam deve queixar a viſinhãça de ver as Eſtrãgeiras preferidas âs naturaes. E Porq̃? Porq̃ hũa alma, q̃ por mais ſervir a Deos quis ajũtar a clauſura cõ a peregrina-

çam

çam, neceſſariamẽte ouve de deixar os naturaes, & buſcar os Eſtrãgeiros. Hũa das couſas, que muito agradou ſempre a Deos em ſeus ſervos foi a peregrinação. Por iſſo mãdou a Abraham q̃ ſahiſſe peregrino de ſua patria: Gen. 12. Por iſſo quis q̃ peregrinaſſe Iacob em Meſopotamia, G. 29. Ioſeph no Egypto: G. 39. & ao meſmo povo querido de Iſrael, porq̃ o eſcolheo pera ſy, o fes peregrinar inteiro tãtas vezes, & por tãtos annos. E como Deos ſe agrada tãto dos peregrinos, (q̃ tambẽ o quis ſer neſte mũdo Mat. 2.) que faria huma alma deſejoſa de agradar muito a Deos, vendoſe obrigada à clauſura pelo ſeu eſtado, & inclinada á peregrinaçam pelo goſto divino? Peregrinaçam, & clauſura nam podem eſtar juntas: pois que remedio? O remedio foi entrando em Religiam, eſcolher hum moſteiro de Eſtrangeiras; pera que vieſſe deſta maneira a achar juntas a clauſura, & a peregrinaçaõ: a clauſura no lugar; a peregrinaçam na companhia. Quem cudaria, que era poſſivel eſtar juntamente em Portugal, & peregrinar em Flandes? Pois iſto he o que vemos hoje com noſſos olhos.

Falla David da peregrinaçam dos filhos de Iſrael pera Paleſtina; & dis aſſim: *Cũ exiret de terra Egypti, linguã, quã nõ noverat, audivit.* Pſ. 80. Quãdo o povo ſahio do Egypto ouvio a lingua que nam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderava a peregrinaçaõ dos Iſraelitas, parece q̃ avia de dizer, q̃ paſſarão climas incognitos, q̃ caminharão terras deſconhecidas. Pois porque nam repara nas terras ſenam nas linguas? Porq̃ nam dis q̃ andarão por terras eſtranhas, ſenam q̃ ouvirão linguas eſtrãgeiras? Porque julgou diſcretamẽte o Profeta, q̃ a formalidade dá peregrinaçam nam cõſiſtia tãto na mudãça dos lugares, quãto na differença das linguas. Nam eſtá o ſer peregrino na eſtranheza das terras, q̃ ſe caminhão, ſenão na eſtranheza da gente cõ q̃ ſe trata: *Cum exiret de terra Egypti, linguam, quã nõ noverat, audivit.* Sahir do Egypto pera onde ſe ouve outra lingua, iſſo he peregrinar. E ſe he verdadeiro peregrinar o viver entre gẽte de lingua eſtranha, bem digo [illegible], q̃ ſe virão aqui jũtas milagroſamẽte a clauſura, & a peregrinaçam; a clauſura no lugar, a peregrinaçam na cõpanhia. Nam deve

logo

logo de estar queixosa a visinhança, posto q̃ a queixa parecia justificada; antes tẽ obrigaçam as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem (sobre hũ taõ grande exemplo) hum tam novo, & particular spirito na profissam de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & cõ elle as Victorias do impossivel, q̃ assim se chama. Doulhe este nome nam sõ por ser Sermam do Nacimẽto do Baptista, cõ o qual provou o Anjo, que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit impossibile apud Deũ omne verbũ*; Luc. 1. Senam por ser Sermam desta profissam solemnissima, que celebramos, na qual sem aver reparado, deixo provados seis impossiveis. No nacimento do Baptista venceose hũ impossivel, que foi ajũtarse esterilidade cõ parto: *Elisabeth peperit filiũ.* No acto desta profissam vencerãse seis impossiveis, q̃ forão os q̃ ordenadamẽte vimos em seis discursos. No primeiro ajũtarse a Corte cõ o deserto. No segũdo a mocidade cõ o desengano. No terceiro a grãdeza cõ o despreso. No quarto a innocencia cõ o castigo. No quinto a vida cõ a morte. No sexto a clausura cõ a peregrinaçam. E seis impossiveis vencidos na terra, que devem esperar senam seis coroas ganhadas no Ceo? Darvosha no Ceo, esposa serenissima de Christo, a Corte com o deserto huma coroa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade com o desengano huma coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza com o despreso huma coroa de humilde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo huma coroa de penitente entre o coro dos confessores. A vida com a morte huma coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam huma coroa de peregrina entre o coro das Virgens. Assim triumpha quem assim vence: assim alcança quem assim merece: assim goza quem assim trabalha: assim reyna quem assim serve: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.

Quam mihi, & vobis, &c.

FINIS.